

ALTERIDADE E SOLICITUDE A PARTIR DA OBRA *O SI MESMO COMO OUTRO* DE PAUL RICOEUR

Marcela Fossati Otero¹

INTRODUÇÃO

Paul Ricoeur dispõe o problema da alteridade e solicitude na obra “*O si mesmo como outro*”. Sendo a alteridade caracterizada pela relação de uma pessoa com outra ou entre um grupo de pessoas, onde se faz necessário aceitar as diferenças ali existentes, isto é, compreender as diferenças e aprender com elas através do respeito ao outro, ao indivíduo como ser humano psicossocial. A solicitude é assinalada pela boa vontade, pelo desejo de atender da melhor maneira possível a alguma solicitação; empenho, interesse, atenção. Tal investigação de Ricoeur parte da ética teleológica (Aristóteles) e da ética deontológica (Kant).

Ricoeur favorece o problema do outro, porém sempre com cautela para que o *si mesmo*² não seja deixado de lado. Segundo Ricoeur, a *vida boa*

¹Graduanda em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: marcela.otero3@gmail.com.

²O “Si mesmo” é designado por Ricoeur no sentido do “si” associado ao modo infinitivo: “se designer soi-même” [designar-se a si mesmo]. É o emprego constante do termo “soi” [si, si mesmo], em contexto filosófico, como pronome reflexivo de todas as pessoas gramaticais. Neste sentido, é no valor de reflexivo onipessoal que está preservado no emprego do “soi” na função de complemento nominal: “lesouci de soi” [o cuidado de si/consigo]. Defende que o deslizamento de uma expressão à outra é abonada pela permissão gramatical de que qualquer elemento da linguagem pode ser nominalizado. Em virtude dessa permissão gramatical pode-se dizer “lesoi” [o si(-mesmo)], alinhando assim essa

demonstra a capacidade que cada um possui de ser o agente de sua história, isto é, a capacidade do ser enquanto responsável por suas ações, apto o suficiente para investigar sua história singular, ou seja, este deve ser capaz de observar seus respectivos aprendizados de maneira racional e por meio deles estimular a estima de si. Acerca da *vida boa*, as concepções de Ricoeur e Aristóteles são semelhantes, pois para Ricoeur, assim como para Aristóteles, a conquista da vida boa está na confiança de que o homem é autônomo, autor de suas próprias ações e julgamentos de forma racional e, em vista disso, tem a capacidade de refletir sobre sua própria existência. Segundo Ricoeur, a visão ética de Aristóteles mostra-se predominante à norma moral de Kant, a partir do segundo conceito do imperativo categórico:

Age de modo que trates a humanidade, tanto na tua pessoa, quanto na pessoa de qualquer outro, sempre ao mesmo tempo como um fim e nunca simplesmente como um meio (KANT, *apud* RICOEUR, 2014.).

Assim, primeiramente, Ricoeur determina a prioridade da ética sobre a moral, pois para ele a perspectiva ética deve passar pelo crivo da norma, porque assinala desde o princípio a primazia da perspectiva teleológica da vida boa considerando ao que se impõe como obrigatório. Desse modo, as decisões de cunho moral, avaliações através de antigos valores ou novos valores estabelecidos, deverão ser ponderadas por um indivíduo autônomo, segundo o ponto de vista da vida boa.

expressão com as formas também nominalizadas dos pronomes pessoais na posição de sujeito gramatical: “o eu”, “o tu”, “o nós” etc. Essa nominalização, menos tolerada em francês do que em alemão ou em inglês, não será abusiva se nos lembrarmos da filiação gramatical a partir do caso indireto consignado na expressão “designação de si mesmo”, por sua vez derivada por primeira nominalização do infinito reflexivo: “designar-se a si mesmo”. É essa forma que consideraremos a partir de agora como canônica. (cf. RICOEUR, 2014, prefácio XII e XIII).

A ética de Aristóteles pode ser caracterizada como teleológica por visar fim (telos), que é o bem viver, pretendendo que o indivíduo viva bem, isto é, que possua uma vida verdadeira. Ou seja, atingir a satisfação particular, na concepção aristotélica, dependerá apenas da conclusão, do desfecho final dos atos.

Diferentemente, a ética normativa deontológica de Kant estabelece que seja necessário se pensar a ação no sentido de que, somos sempre levados a utilizar o outro de alguma forma para alcançar certos objetivos. Entretanto, o outro deve ser tratado acima de tudo como um fim, não apenas como um meio, isto é, enquanto se considera o outro como um meio para atingir algo, deve-se tratá-lo ao mesmo tempo como uma pessoa que também possui seus próprios fins. Acerca das duas correntes éticas, Ricoeur diz:

Será fácil reconhecer na distinção entre visada e norma a oposição entre duas heranças, uma herança aristotélica, em que a ética é caracterizada por sua perspectiva teleológica, e uma herança kantiana, em que a moral é definida pelo caráter de obrigação da norma, portanto de um ponto de vista deontológico. (RICOEUR, 2014, p.185)

Desse modo, é possível perceber a teoria teleológica de Aristóteles, a qual alega que a individualidade de um ser é completamente ligada ao fim que esse ser quer atingir. Enquanto em Kant, é possível observar a ciência do dever e da obrigação ligada a nossas ações, tratando dos deveres e da moral, inseridos na teoria deontológica.

Nesta análise sobre o tema da norma moral kantiana, observa-se que, com o segundo conceito do imperativo categórico de Kant, o outro deve ser respeitado como fim em si mesmo, e não simplesmente como meio. Dentro da teoria de Ricoeur, devemos visar por nossa meta de conquistar felicidade e vida boa, mas também, respeitando e enxergando o outro como uma pessoa que possui seus próprios objetivos e, dessa maneira, não pode ser considerada como um objeto utilizado para atingir uma satisfação particular.

Ricoeur acredita que seja necessária a estima de si mesmo para atingir a vida boa, mas ao mesmo tempo admite que amigos sejam indispensáveis para atingir esta estima própria. Então, procura achar um meio moral para atingir a felicidade individual respeitando o tratado dos deveres e da moral para com o outro.

1. CONCEITUANDO ALTERIDADE

Alteridade é caracterizada pela relação de uma pessoa com outra ou entre um grupo de pessoas, onde se faz necessário aceitar as diferenças ali existentes, isto é, compreender as diferenças e aprender com elas através do respeito ao outro, ao indivíduo como ser humano psicossocial. Conforme Aristóteles, a felicidade do homem não depende apenas da *vida boa*, mas depende também de amigos que consolidem ligações baseadas no bem querer entre os indivíduos. A amizade prevê uma reciprocidade, que se transforma na primeira condição para a formação de um estabelecimento de alteridade.

Paul Ricoeur concorda com essa ligação de bem querer entre um e outro, de Aristóteles. Entretanto, defende que quando escolhemos ser amigos uns dos outros, essa escolha não é motivada pela bondade dos amigos e sim porque amigos possuem deveres entre si, ou seja, porque existe uma ligação recíproca que garante o mútuo amparo entre os amigos. E, acerca do conceito de alteridade na teoria de Aristóteles, ele declara: “*Todos concordarão que não há lugar para um conceito franco de alteridade em Aristóteles.*” (RICOEUR, 2014, p. 205).

Desse modo, Ricoeur acredita que é inviável conceber um autêntico sentido de alteridade por meio da concepção aristotélica, porque considera que é a estima de si que faz surgir à vida boa, assim, a amizade demonstraria apenas um complemento desta estima de si mesmo, isto é, representaria um acréscimo na ideia de reciprocidade entre homens que estimam a si mesmo.

Ricoeur alega que seja necessária a estima de si mesmo para atingir a vida boa, mas ao mesmo tempo admite que amigos sejam indispensáveis para atingir esta estima própria. Então, procura achar um meio moral para atingir a felicidade individual respeitando o tratado dos deveres e da moral para com o outro. Ele apenas preservará a ética de Aristóteles baseada na reciprocidade, no compartilhamento mútuo entre os indivíduos, como ele mesmo afirma: “*De Aristóteles só quero ficar com a ética da mutualidade, da comunhão, do viver junto.*” (RICOEUR, 2014, p. 206).

Ricoeur finaliza, então, esse tópico, propondo uma nova questão: “*No fim desse percurso em companhia de Aristóteles, a questão é saber que características atribuímos à solicitude que não estejam já descritas no capítulo da amizade.*” (RICOEUR, 2014, p. 207).

Segundo Ricoeur, a amizade da perspectiva de Aristóteles demonstra uma associação insatisfatória entre dar e receber, pois se justifica que não há uma divisão simétrica de bens entre iguais. Visto que, a solicitude, inicia uma nova ligação, a qual permite restaurar os equilíbrios entre partes que, anteriormente, se encontravam desiguais.

2. SOLICITUDE

Ricoeur diz ser possível a definição de uma ideia de alteridade que enriqueça não só o si mesmo, mas também o outro. Desse modo, indica a ideia de solicitude, a qual se torna essencialmente apontada através da troca entre o oferecer e o ganhar, não de forma mercantil, mas entre uma troca de gestos, pois a solicitude é assinalada pela boa vontade, pelo desejo de atender da melhor maneira possível a alguma solicitação; empenho, interesse, atenção.

Para o autor, é preciso estimar o outro para conseguir estimar a si mesmo. Desse modo, a solicitude dirigida para os outros é o seguimento da própria estima de si, apenas em um nível diferente, no qual se manifestam os

sentimentos voltados aos outros. De acordo com Ricoeur, cada pessoa é insubstituível:

O que a solicitude acrescenta é a dimensão de valor que faz cada pessoa ser insubstituível em nossa afeição e em nossa estima. Nesse aspecto, é na experiência do caráter irreparável da perda do outro amado que, por transferência de outrem para nós mesmos, ficamos sabendo do caráter insubstituível de nossa própria vida. É primordialmente para o outro que sou insubstituível. Nesse sentido a solicitude responde à estima do outro por mim. (RICOEUR, 2014, p. 213).

Assim, a solicitude agrega o dado de que cada indivíduo é exclusivo e insubstituível para nós. Dessa maneira, é possível perceber que somos insubstituíveis não a nós mesmos, mas aos outros. A solicitude não resulta da capacidade de ação sobre uma consciência formadora, mas provém exatamente do reconhecimento do outro sofredor, na fase de sua fragilidade, em que o si se dispõe a ser contagiado pelo sofrimento do outro e essa disponibilidade, por sua vez, assegura uma verdadeira mutualidade entre ambos.

O *si* é quem atua na iniciativa de “poder-fazer”, por meio de sua afinidade, de sua solidariedade, através da vontade de envolver-se ou de dividir a dor dos outros. O outro é somente alguém que recebe, a partir do primeiro passo que um si é altruísta e caridoso. Assim, a solicitude proposta por Ricoeur é necessariamente assinalada pela transferência de entregar-se e ganhar, isto é, da troca entre doar-se e receber. Esse é o reconhecimento positivo proposto por Ricoeur:

O homem do ágape (que é o homem do primeiro gesto, o do dom, isto é, do gesto de dar generosamente, sem nada esperar em troca) e o homem da justiça (que é o do segundo gesto, o do contra-dom, isto é, o do gesto de retribuição que repõe o equilíbrio), estejam “prontos a fazer concessões e a negociar um compromisso aceitável entre a generosidade pura que se exclui do mundo e a segurança fundada apenas na regra de equivalência (SALDANHA, 2009, p. 170).

A solicitude permitiria estimar a si mesmo como um outro e o outro como a si mesmo; e (tratando a partir da perspectiva kantiana) o respeito

acompanharia consigo a diferenciação entre objeto e coisa, o que permite o entendimento de que a consideração do outro não se deve dar com fundamento entre essa relação entre indivíduo e coisa, e sim por meio da relação de mutualidade entre as pessoas assumindo o outro dotado de fim em si mesmo.

Assim, demonstrou-se que a solicitude, adicionada ao respeito, constitui uma tese que se complementa entre si. Desse modo, a solicitude admite ser possível respeitar o “outro”, isto é, não causar mal ao outro e, além disso, a solicitude permite ir até o outro, entender suas necessidades e ajudá-lo a superar seus obstáculos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar que a deontologia e a teleologia, tratadas neste estudo, por meio de Aristóteles e Kant, não apresentam contrariedades e, inclusive, são capazes de ser harmonizadas, complementando-se uma à outra. Segundo Ricoeur, esta combinação Aristotélica e Kantiana possibilita um agir moralmente correto em relação ao outro sem deixar de visar nossos próprios fins. Portanto, Ricoeur procura no imperativo categórico uma norma pessoal (universal), que seja válida, como parâmetro na intenção de que as pessoas respeitem a si mesmas, apontando que a universalidade compromete-se, também, com o respeito aos outros.

Finalmente, é possível concluir por meio destes estudos que com alteridade e solicitude é factível agir moralmente, isto é, é possível atingir sua satisfação particular e ainda respeitar a norma moral relativa ao outro.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALMEIDA, Danilo Di Manno. Subjetividade e interpretação: a questão do sujeito. In: CÉSAR, C. M. (Org.). **Paul Ricoeur – Ensaios**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 77 – 93.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. v.1. São Paulo: Atlas S.A, 2010.

GUBERT, Paulo Gilberto. . **Da constituição da identidade narrativa na obra O si-mesmo como um outro**.Pólemos , v. 1, 2012.

NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. **Identidade Pessoal em Paul Ricoeur**. Univ. Federal Santa Maria- RS, 2009.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes,2014.

SALDANHA, F. A. M. **Do sujeito capaz ao sujeito de direito: um Percurso pela Filosofia de Paul Ricoeur**. Coimbra: Faculdade de Letras, 2009.